

2 | *De*POIMENTOS

Sylvio Barros Sawaya
João da Gama Filgueiras
Lima (Lelé)
Sérgio Ferro
Nadia Somekh
Gilberto Belleza
Ruth Verde Zein
Wilson Ribeiro dos Santos
Junior (Caracol)
Francine Sakata
Paulo von Poser
Nelson Baltrusis
Daniel Catelli Amor
Ângelo Marcos Vieira de
Arruda
Cristiano Mascaro
Paulo Caruso

60 ANOS DA FAUUSP



Fotos: Cristiano Mascaro



A FAU sempre foi um “lugar”. Primeiro Maranhão, depois Cidade Universitária, sem deixar de ser Maranhão. Esses depoimentos o atestam, a maioria deles fala de seu espaço e acolhida. Qual a relação entre o lugar e a faculdade? Fruto de uma decidida afirmação de autonomia, a arquitetura na USP assume o velho solar do café e transforma-no em sua casa. O casarão, de vida tão intensa nos 20 anos que abrigou a graduação, transferiu esta atividade para o Campus Butantã, abrigado pelo desenho único e repleto de reminiscências do Artigas.

Graduação na Cidade Universitária, pós-graduação na Maranhão, assim continuou a FAU. Muitos passaram por essas duas casas, as idéias elaboradas são quase infinitas, as lembranças e saudades continuam vivas para aqueles que nelas estiveram. Pensou-se muita arquitetura em seus vários campus inaugurados pela FAU. Muitas foram as conseqüências desse criar, refletir e operar. Espalham-se pelo Brasil, pelo continente e pelo mundo.

Essas experiências e idéias acabaram por se cristalizar em uma maneira de ser da FAU. É fácil distinguir quem foi aluno daqui ou por aqui passou como professor. Funcionários insignes tiveram, nesse lugar, suas carreiras. Há um patrimônio vivo transmitido de geração a geração que se mantém e repropõe-se. Há uma grande afetividade desenvolvida por tantos, que acrescenta às racionalizações e explicações na maneira de ser que as envolve e perpassa. Há um ser FAU que se promove continuamente e que nos desafia.

O desafio proposto parece ser o de continuar ultrapassando o adquirido para ir além, não se satisfazendo só com o consolidado ou permanecendo no mesmo. Um presente a atualizar e um futuro a indicar e conquistar. Há uma certeza que a FAU continuará criativamente a repropor-se e superar-se.

Dar continuidade e ir além, compromisso de todos nós, deverá acontecer sem se perder essa afetividade profunda que temos pela FAU e que sempre permitiu superar disputas e contradições, na medida em que o sentimento de sermos um corpo, orgânico e vivo, trouxe-nos um entendimento maior com aderência e coesão, e, assim, essa querida escola pôde vir andando, evoluindo e crescendo, fazendo-se presente afirmativamente em nossa terra, no continente, no hemisfério e no mundo.

Sylvio Barros Sawaya

Arquiteto, urbanista, professor e diretor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.

É sempre com muita alegria que participo dos eventos realizados na Faculdade de Arquitetura da Universidade de São Paulo. Em primeiro lugar, pelo privilégio de admirar seu belo edifício, com seu acesso generoso ligado a amplos espaços que estimulam o convívio estudantil. E com seus ambientes harmoniosamente integrados que nos convidam a caminhar observando atentamente, em cada detalhe, a marca inconfundível de um dos maiores mestres de nossa arquitetura – Vilanova Artigas. Nele constatamos, também, o quanto a qualidade da arquitetura constitui um fator importante para o desempenho de um edifício. Mas o prédio da FAU, um dos mais significativos do legado de Artigas, não é somente uma obra de arte que emociona a todos que o visitam. Constitui, sobretudo, uma lição de desenho e construção que expõe, de forma clara e didática, todos os princípios básicos estabelecidos pelo mestre para a elaboração de seu projeto. Torna-se, assim, um valioso instrumento e uma fonte permanente de inspiração para o próprio ensino de arquitetura.

Na última vez em que estive na FAU, em agosto de 2006, convocado por meu querido amigo Hugo Segawa e pelas professoras Cláudia Terezinha Oliveira e Helena Ayoub para ministrar um curso de tecnologia da arquitetura, durante os três dias de intensas atividades em que freqüentei a faculdade, pude constatar que ela conserva suas tradicionais características de centro de efervescência intelectual, estimulando pesquisas e discussões sobre os temas mais diversos que geram conhecimentos indispensáveis para a formação de um profissional de arquitetura. Nessa oportunidade, pude rever amigos queridos, trocar idéias com estudantes e com novos professores da faculdade sobre as dificuldades que sempre ocorrem no ensino de tecnologia da arquitetura e que, de certa forma, tento abordar em meu curso.



Fotos: Cristiano Mascaro



Fotos: Cristiano Mascaro

Fiquei comovido com a especial atenção recebida de meu amigo Júlio Katinsky, que esteve presente em minhas apresentações e satisfaz minha curiosidade de conhecer o velho casarão da família Penteado, onde funciona o curso de pós-graduação dessa faculdade.

Visitei também o Canteiro Experimental, acompanhado pelo professor Reginaldo Ronconi e pelos estudantes que realizam suas experiências de construção. Fiquei contagiado pelo entusiasmo que eles manifestavam ao realizar exercícios práticos no canteiro e nos laboratórios de apoio, participando de todo o processo de construção, desde a concepção do projeto, das especulações técnicas iniciais até a própria execução do modelo. E, sobretudo, pela avaliação que eles fizeram da importância dessas experiências para o desenvolvimento da percepção para problemas construtivos e para as questões relativas ao comportamento das estruturas.

Ao comemorar 60 anos de existência, a FAUUSP, sob a direção de meu velho amigo Sylvio Barros Sawaya, que, além de talento e competência, acumula uma indiscutível experiência de gestão institucional, continua sendo exemplar, resistente ao processo intencional de degradação por que passa o setor público e constitui, sem dúvida, a principal referência para o ensino de arquitetura no Brasil.

João da Gama Filgueiras Lima (Lelé)

Arquiteto e urbanista.



Fotos: Cristiano Mascaro

Um curto bilhete não me permitira indicar senão parte de minha gratidão. Foi a melhor escola de arquitetura que tive ocasião de conhecer; perambulando por aí e por aqui conheci muitas outras. Faltou a possibilidade de experimentação, o que, em arquitetura, considero fundamental, tanto para a formação prática como para o desenvolvimento teórico. Mas a FAUUSP de então corrigiu, em parte, isso. Não somente porque muitos alunos já praticavam a arquitetura e levavam-nos a visitar e interrogar as obras que desenhavam: sabíamos de onde vinha seu ensino.

Em pintura, sou cria de Flavio Motta, o olho mais agudo e seguro sobre arte, cujo método, análise detalhada e documentada das obras, seguida de sua apropriação plástica – cópia, decomposição estrutural, recomposição – é o que adotei tanto em meus cursos de história da arte como em minha pintura. Nas artes plásticas foi meu único mestre.

Em arquitetura tive ótimos professores: Milan, Paulinho, Maitrejean. Mas, como em pintura, um único mestre, Artigas, de quem me considero discípulo fiel. Minha radicalidade é a dele em outro contexto, o que explica algumas divergências menores. É ainda meu superego em ética de arquitetura.

Mas escola é aluno também. Tive o privilégio de conviver na mesma sala de aula com pessoas extraordinárias: Rodrigo Lefevre, Flavio Império (estes eram meus irmãos) Sergio e Mayume Souza Lima, Luiz Kupfer, só pra falar dos que já se foram, Julio Barone, que dividiu conosco (Rodrigo, Flavio e eu) as primeiras idéias sobre abóbadas em casa popular e que nos deixou poucas obras, mas de muito merecimento; partiu há pouco e eu o abraço com carinho.

Mas nada é perfeito. A FAUUSP tem duas dívidas comigo: o projeto prometido em minha formatura, há 47 anos, portanto, por ter obtido o 1º lugar em todos os cinco anos de estudo (posso aceitar um mural) e agora, quase no outro extremo de minha tortuosa carreira, minha aposentadoria.

Sérgio Ferro

Arquiteto e urbanista pela FAUUSP (1961), pintor, desenhista e professor, radicado na França desde 1972, professor do curso de história da arte e de estética na FAUUSP, de 1962 a 1970.

É engraçado: quando participo de bancas de mestrado e doutorado na FAUUSP, pelo fato de ser professora da arquitetura do Mackenzie, sou uma das primeiras a falar, pois sou considerada membro “de fora” da instituição. A graça reside no fato que me sinto parte integrante da história da FAU, pois além dos cinco anos de graduação, fiquei 15 anos envolvida na pós-graduação (oito anos no mestrado e sete no doutorado – naquela época, era ainda possível !!!!).

Resultado: fui estudante e pesquisadora durante 20 anos, ou seja, 1/3 do período festejado. Além disso, como professora e atual diretora da Arquitetura do Mackenzie, sempre me senti vizinha irmã da FAU-Maranhão, onde todos os professores e outros amigos da secretaria e da biblioteca fazem parte de nosso cotidiano.

No ano passado, nas comemorações dos 60 anos do Mackenzie, chamou-nos a atenção também o fato de Christiano Stockler das Neves, nosso primeiro diretor, ter sido chamado para discutir e participar da concepção da FAUUSP, a qual estava sendo fundada em 1948.

As características das duas escolas presentes no debate da cidade de São Paulo e do país sempre foram diferenciadas, mas complementares, o que nos dá a sensação, do ponto de vista institucional, de termos crescido juntos.

Lembro o quanto fiquei deslumbrada quando fui visitar, nos anos 70, o prédio da Cidade Universitária, recém-inaugurado um pouco antes do vestibular e da alegria de ser selecionada, apesar dos anos de chumbo que se sucederam.

Também foi grata minha surpresa muito tempo depois, quando me dei conta, nos 50 anos da Arquitetura Mackenzie, que muitos arquitetos professores da FAU, presentes na vida pública de São Paulo, formaram-se no Mackenzie, como Jorge Wilhelm, Carlos Lemos, Paulo Mendes da Rocha e outros. Por outro lado, muitos de nós, aqui do Mack, formamo-nos na FAUUSP. Nesse momento o que importa é estarmos duplamente felizes por essa celebração. Parabéns!!!

Nadia Somekh

Arquiteta e urbanista (1976), mestre (1987) e doutora (1994) pela FAUUSP, professora, pesquisadora e atual diretora da Faculdade de Arquitetura da Universidade Presbiteriana Mackenzie.



Fotos: Cristiano Mascaro

Ter participado de parte da história da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo foi um grande prazer, principalmente por se tratar de um dos principais centros da América Latina na produção da arquitetura.

Muito de minha experiência de vida se deve à minha formação nessa instituição, na área de graduação, mestrado e doutorado.

Em todo esse período tive também a oportunidade de atuar em pesquisas relacionadas à arquitetura e urbanismo, o que me mostrou a qualificação de seus professores na área.

Mas acredito que mais do que toda essa experiência, sua grande contribuição foi na formação de inúmeras gerações que cooperaram, em muito, para o enriquecimento da cultura e arquitetura brasileiras, levando, aos mais longínquos pontos do país e do mundo, uma linguagem e uma característica que tornaram a FAUUSP um grande centro de formação de profissionais e de pesquisa, em uma linha de arquitetura que marcou a produção brasileira.

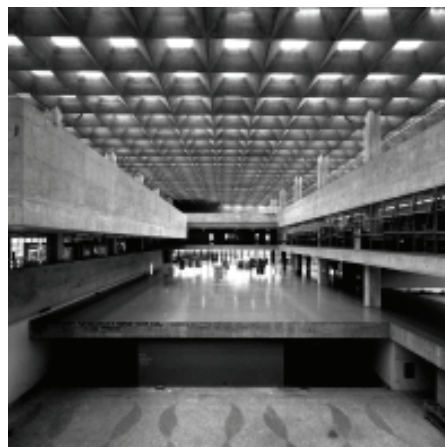
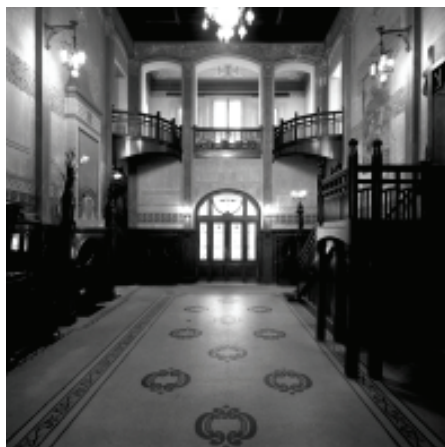
Nossa entidade pôde contar, muitas vezes, com profissionais oriundos dessa instituição, os quais vieram a efetuar grandes contribuições para o sucesso de nossa entidade e dos arquitetos brasileiros.

Gilberto Belleza

Arquiteto e urbanista (1985), mestre e doutor (2004) pela FAUUSP, atual presidente nacional do IAB – Instituto de Arquitetos do Brasil, professor da Faculdade de Arquitetura da Universidade Presbiteriana Mackenzie.



Cristiano Mascaro



Fotos: Cristiano Mascaro

Cursar arquitetura nos anos 70 não foi tarefa tranqüila para ninguém, em parte alguma. Tempos de muitas dúvidas, de certezas poucas e dogmáticas, de caminhos fechados e contraditórios. A ausência dos mestres parecia congelar a possibilidade de ensinar a projetar, substituída por intrincadas camadas de debates políticos que até questionavam se seria lícito exercer a arquitetura. Vetava-se o prazer estético e profissional do projeto, fortaleciam-se os discursos do urbanismo e o esforço da pesquisa histórica, reservando a arquitetura para poucos iniciados, crismados por mentores políticos, instruídos a seguir certos modelos. Para uma ingênua aluna, não-desprovida de inteligência, mas sem as chaves de interpretação desse panorama, restavam as tortuosas trilhas do autodidatismo. Mas haviam interstícios, embora não fosse fácil vislumbrá-los. Com Rodrigo Lefèvre recém-retornado, como orientador, e lendo Yves Bruand no original, quis entender o que era a arquitetura contemporânea paulista e brasileira então, e por que era assim. Acreditei que o caminho podia ser aprender arquitetura, conhecendo-a em suas obras e repensando-a a partir delas, retomando seu sentido de disciplina própria do conhecimento, inserida no mundo, mas com autonomia relativa. Era assim uma posição meio na contracorrente, inconformada e questionadora, contrária aos discursos vagos e grandiosos que incharam demais os debates e acabaram diluindo-os, e, a meu ver, muito mal fizeram ao ensino e à arquitetura brasileiros. Mas por sorte, desde então, tudo mudou – e, agora, só falta nos darmos conta disso, valorizarmos o passado, mas superarmos suas deficiências.

Ruth Verde Zein

Arquiteta, urbanista (1977) e pós-doutoranda na FAUUSP, professora e pesquisadora da Universidade Presbiteriana Mackenzie e pesquisadora voluntária do PROPAR-UFRGS.



Fotos: Cristiano Mascaro

Ao ingressar na FAU, em 1972, mesclavam-se os ecos da “imaginação no poder”, do pacifismo e amor livre de 1968, com o rumor repressivo da ditadura militar, do AI-5 e do Decreto n. 477.

Os tempos sombrios do cotidiano social contrastavam com a luminosidade, a ausência de portas, os amplos espaços, que a FAU oferecia. Pedagogia do “fazer arquitetura”, o edifício materializava, dizia-se, um discurso engajado, abrindo-se ao convívio nas rampas, nos ateliês ruidosos, nos freqüentes cafés e, claro, nos banhos do lago.

Discutir arquitetura e a cidade secundava o apaixonado debate e o engajamento político, e crescia o interesse pela cultura e arte como alternativas da profissão. Emergiram daí uma geração de artistas, cineastas, músicos, escritores, entre outros, que tornavam a FAU um núcleo de rica vivência criativa e cultural. Os momentos coletivos inesquecíveis, como espetáculos de dança e aulas abertas no Salão Caramelo, ganharam corpo com a retomada da política estudantil. Formas de atuação singulares como o mural *Sair dessa maré*, as sessões de fim de tarde do Cineclube GFAU, a autogestão do bar da FAU, a Rádio Interferência e os shows da Meire Pavão tinham sustentação do GFAU que organizava, externamente, a participação dos estudantes da FAU na reconstrução do movimento estudantil e na luta por liberdades democráticas que, em 1977, passou a ganhar as ruas do país. Um período de exercício do inconformismo criativo, da ação coletiva como método e da convivência democrática que venho procurando renovar, no âmbito das atividades que desenvolvo desde então.

Wilson Ribeiro dos Santos Junior (Caracol)

Arquiteto e urbanista (1977), mestre (1991) e doutor 2001) pela FAUUSP, atual coordenador do Programa de Pós-Graduação em Urbanismo do Centro de Ciências Exatas, Ambientais e de Tecnologias – CEATEC – PUC-Campinas, e atual diretor da Associação Brasileira de Ensino de Arquitetura e Urbanismo – ABEA.

No Brasil, os arquitetos paisagistas são, via de regra, formados por escolas de arquitetura e urbanismo que mantêm disciplinas de paisagismo em sua grade curricular, atribuindo a elas maior ou menor importância. Se arquitetos são formados com habilidades para responder a desafios criados pelas intervenções na paisagem em diversas escalas, muito se deve à FAUUSP e aos ideais de professores como Roberto Coelho Cardozo e Miranda Magnoli, que não apenas levaram o tema aos alunos com a devida relevância e seriedade, mas também estabeleceram muitos padrões para a atuação profissional, para o ensino e a pesquisa na área. Eventos como o ENEPEA – Encontro Nacional de Ensino de Paisagismo em Escolas de Arquitetura e Urbanismo comprovam seu papel de vanguarda e sua contribuição na formação e na qualificação de docentes de escolas por todo o país.

O arquiteto paisagista, como entendido na FAUUSP, precede a intervenção na paisagem de estudos, planos e projetos que visam atender a questões funcionais e ambientais e a dimensões sociais, culturais e estéticas. Fui uma arquiteta oriunda das primeiras turmas desta escola, Rosa Kliass, quem aglutinou profissionais atuantes, para fundar a Associação Brasileira de Arquitetos Paisagistas – ABAP, há 32 anos, com o objetivo de promover a profissão. Mas há um longo percurso ainda a trilhar para o pleno reconhecimento do papel do arquiteto da paisagem como articulador no desenho de espaços livres e em projetos para proteção e recuperação de áreas naturais. Em um país onde o bem-estar coletivo e os ecossistemas naturais são continuamente ameaçados, é fundamental que a escola e seu corpo docente, entre eles Silvio Macedo, Catharina Pinheiro e Paulo Pellegrino, ex-professores e amigos, continuem cativando alunos para formá-los pesquisadores de primeira linha e profissionais de excelência.

Francine Sakata

Arquiteta e urbanista (1996) e mestre (2005) pela FAUUSP e atual diretora administrativa da Associação Brasileira de Arquitetos Paisagistas – ABAP.



Fotos: Cristiano Mascaro

Viva a FAU!

Quando recebi o convite para escrever um texto comemorativo aos 60 anos da FAU, fiquei surpreso e emocionado: fazendo as contas, lembrei que 1978 foi meu primeiro ano de faculdade. Imediatamente topei escrever e lembrar de minha amada escola, 30 anos depois!

Essa escola me ensinou a aprender e a ensinar a profissão que exerço até hoje com amor e alegria: professor de desenho. Sou professor desde meu terceiro ano da FAU, quando dava aulas de Linguagem Arquitetônica (L.A.) para vestibulandos com o Zé (Armênio de Britto Cruz) e o Marcão (Aldrigui), colegas de classe, de equipe e meus amigos até hoje.

São tantas as imagens e lembranças preciosas e radicais, a transformarem minha vida como aluno, professor e artista, que “selecionar” as fotografias que faço todos os dias, desde 1979, seria impossível, mesmo assim um belo desafio.

Minha primeira máquina, as aulas no laboratório escuro... Vejo-me naquele momento como um aluno apaixonado, quase exultante, com a liberdade que a FAU também me ensinou, “saltitante” com a luz que aqueles *domus* trouxeram para meu caminho. Depois fui diplomado como o “mais rápido vupt” por minha querida colega Mariana (Martins) em 1980, aliás, os três “talentos” que mais aprecio na vida: agilidade, flexibilidade e simultaneidade. Bela lição que aprendi na FAU e guardo até hoje: como é bom subir as rampas apressado e carregado (de quilos de idéias!).

As rampas, o Salão Caramelo, o museu, a biblioteca, a gráfica, a oficina de maquetes, os estúdios, os corredores, o banco na entrada, a tipografia... Ou, simplesmente, subir no teto... São 1.000 espaços que continuo procurando e sonhando como espaços de ensino, ideais, pensados e projetados por seu arquiteto para esse fim.

Viva Artigas! Que honra sutil e que emoção conhecer e acompanhar você em sua festa de retorno (14/9/1979) em sua escola, com o Paulo (Mendes da Rocha) e Maitre Jean. A maior festa de todos os tempos!

Era assim, então: uma festa, uma celebração! As palestras do TGI, com o inesquecível Claudinho Melo e a linda Vera Domske coordenando tudo, o concurso para Varsóvia, discussões, fóruns e greves, além de todos os movimentos de um



Fotos: Cristiano Mascaro



Fotos: Cristiano Mascaro

curto período de intensa criatividade, produção e encontros geniais. Logo depois me formei, você nos deixou e a Renina já não dava mais aulas na FAU...

Em todas as escolas que conheci e especialmente onde lecionei, os espaços dos quais mais sinto falta são mesmo o Salão Caramelo, o pátio livre, o espaço aberto... sem pranchetas. Acredito que essa falta me fez descobrir, na própria cidade, minha sala de aula predileta. A FAU é a cidade e foi lá, na rua, no Salão Caramelo, que, em 1982, fiz minha primeira exposição – *Gesto de gente* – com o Lito (remontada no mesmo ano, na Pinacoteca, com o nome *Desenhos*). No ano anterior, o querido Edu (Melo) tinha me apresentado aos livros de David Hockney e eu, é claro, “pirei”, enlouqueci mesmo! Além do mais (não lembro exatamente a data), o Kiko (Farkas) tinha exposto ali uma série de enormes “desenhos de modelo” magníficos. Foi com essa inspiração que, em meu quinto ano, coloquei meus desenhos na empena do Salão: também grandes, doces, coloridos e amigáveis.

Amigos e professores: que sorte tê-los! Renina, Haron, Odiléia, Flávio Motta, Minoru, Sílvio Dworeck, Élide, Sílvio Uihôa, Katinsky, Artigas, Paulo Mendes, Ana Belluzo, Aracy Amaral Daher, Lúcio Gomes Machado, Maria Ruth, Gasperini e tantos outros... Carvajal, Mário Franco e Margarido... e, é claro, nosso diretor, Lúcio Grinover. Os professores são a FAU e alegre-me demais a honra de ter estado lá como um deles, ainda que por um curto período. De 1989 a 1991, voltei a dar aulas na disciplina em que me descobri como artista e aprendi a desenhar e a ver. Dar aulas com seus professores e mestres é realmente uma jóia na vida, a maior delas, sem falar da sorte de iniciar, acompanhando como assistente a Renina e o Flávio Império ao mesmo tempo. Lá na FAU experimentei e inventei aulas inéditas, “esbaldei-me” em aulas de modelo vivo nas rampas, no topo dos edifícios do centro, fazendo retratos coletivos no Caramelo, desenhos de música e dança flamenca no museu, e a inesquecível experiência de, com os alunos, forrar com *contact colorido* o *Monumento às bandeiras!* Essas foram só algumas atividades extras, além das aulas dos programas do curso do primeiro ano e optativas, reuniões engraçadas, mesmo com os conflitos naturais e saborosos do grupo de professores de Programação Visual.



Fotos: Cristiano Mascaro

Professores e amigos que continuo encontrando sempre por aí! Todos, sem dúvida, apaixonados pela cidade, pela arte e pelo ensino do desenho na arquitetura.

Desenhar a FAU! Em 2001, voltei a desenhar a escola para a exposição *Horizontes*. Fiquei quieto lá no corredor do Estúdio 5, sem encontrar ninguém, só dançando com as memórias e linhas daquela perspectiva, daquele espaço. A arte do espaço.

Viva a arte! Hoje, vivo como artista, mas vejo como arquiteto. Uso a cidade como professor e crio como desenhista. O que aconteceu? Às vezes, acredito ter conseguido uma façanha digna de uma gincana e ainda é fruto daqueles dias: transformar o meu morar em uma eterna brincadeira (do tipo recreio, mesmo), e meu trabalho em eterna “disciplina” de “arte e vida urbana” (pena não encontrar mais a Ana Belluzo toda semana...) que, por sorte e um lapso burocrático de siglas, pude fazer duas vezes seguidas em 1981!

Como diz meu colega Douglas (Canjani), com o qual dou aulas desde 1988 na Fau-Santos, aqueles encontros na Xilogravura mereciam virar cenas de um filme do Woody Allen, com roteiro da Lucinha (Frankamente!). Ele tem toda a razão! Acredito que ainda vão descobrir, na FAU, um belo cenário para um longa. De cinema, mesmo! E não vão faltar ótimos fotógrafos, cineastas, músicos, atores, cenógrafos, artistas, doutores, bailarinos, pesquisadores, historiadores e produtores entre seus ex-alunos...

Viva a FAU! Parabéns por seus 60 anos! Sem plástica ou *botox*, viajada e descolada, uma sessentona enxuta, meio enrugada, mas malhada e gostosa (mesmo assim, merecendo uma boa recauchutagem ou um belo restauro...)

Superobrigado por sua vitalidade e inspiração, presença em meu coração para sempre.

Parabéns a todos seus funcionários, alunos e professores que continuam fazendo desta escola uma comunidade viva e atual para todos nós.

Paulo von Poser

Arquiteto e urbanista (1982) pela FAUUSP, professor desta instituição de 1989 a 1991, artista plástico e professor do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Católica de Santos.

60 anos! Ufa! Um mundo de realizações e outro tanto a realizar.

Sou sociólogo de formação e aprendi na FAU que o verbo “arquitetar” pode significar planejar para tornar os sonhos possíveis.

Fui aluno do Programa de Pós-Graduação, mas conheci a escola muito antes de ser aluno do mesmo. Na década de 1980 trabalhava em uma ONG, junto dos movimentos sociais de luta por moradia, e participava dos seminários sobre urbanização de favelas, habitação de interesse social, entre outros promovidos por professores e pesquisadores. No final dos anos 90 estava concluindo meu mestrado em outra instituição, e tive a oportunidade de participar como pesquisador de um estudo sobre favelas. A escola, por intermédio do LabHab, abriu uma oportunidade para me tornar um pesquisador, e creio que essa participação foi decisiva na definição de minha carreira.

A partir de 2001 ingressei no programa e em 2005 concluí meu doutorado; hoje sou professor em Salvador e utilizo tudo que aprendi durante minha permanência.

Nesse tempo todo fiz amigos entre os professores, alunos e funcionários e acredito que essa rede de amizades, construída ao longo do tempo, contribuiu, sobremaneira, para minha experiência/carreira profissional.

Por tudo isso e muito mais, parabéns à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo e a todos aqueles que contribuem para ela continuar trilhando o caminho de construir cidades mais justas, sem abrir mão da beleza.

Nelson Baltrusis

Sociólogo, doutor pela FAUUSP (2005) e professor do Programa de Pós-Graduação em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Social, na Universidade Católica de Salvador.



Fotos: Cristiano Mascaro

A FAU é uma das maiores referências no ensino da arquitetura e urbanismo no país. Conquistou esse reconhecimento graças às contribuições que vem dando ao desenvolvimento da profissão nesses 60 anos.

Falar da FAU é também falar da história da transformação da profissão do arquiteto e urbanista.

A criação da FAU, em 1948, com o desmembramento do curso de Engenharia da POLI, introduzindo no currículo matérias relacionadas às Ciências Sociais, veio atender à necessidade de um outro perfil de profissional para a produção, com o desenvolvimento das cidades e todos os problemas de uma urbanização crescente e sem planejamento.

Também na luta pela reforma urbana acompanhamos a manifestação crítica de muitos professores e estudantes representando a FAU junto da sociedade civil, na defesa de cidades socialmente justas e incluídas.

Hoje, com a atuação do LabHab, encontramos uma FAU além dos muros da academia, preparando os estudantes para também dar assistência técnica à população de baixa renda.

Daniel Catelli Amor

Arquiteto, urbanista e atual presidente do Sindicato dos Arquitetos no Estado de São Paulo – SASP.



Cristiano Mascaro



Cristiano Mascaro

A Federação Nacional dos Arquitetos e Urbanistas – FNA, entidade que completa 30 anos de funcionamento quando a FAUUSP completa 60 anos, vem cumprimentar a todos que contribuíram para transformar uma idéia de formação em concreta posição de liderança entre as quase 200 escolas de arquitetura do país. Graças a esse esforço coletivo, professores, dirigentes, funcionários, alunos, de um lado, e, do outro, a sociedade civil, a FAUUSP tanto brilha nesse universo repleto de lindas estrelas que é a academia brasileira, a ensinar e valorizar a arquitetura e os arquitetos.

Ângelo Marcos Vieira de Arruda

Arquiteto, urbanista, professor do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e atual presidente da Federação Nacional dos Arquitetos e Urbanistas – FNA.

A FAUUSP

Não bastasse apenas um único privilégio, tive direito a dois. Estudei na FAU ainda na Vila Penteadó e, alguns anos mais tarde, voltei ao ninho, já na Cidade Universitária, para dirigir o Laboratório de Recursos Audiovisuais. Esses dois períodos, cada um à sua maneira, foram os mais marcantes em minha formação.

No primeiro, virei “gente grande” e vivi os momentos cruciais da década de 1960, abrigado naquele imenso e acolhedor casarão *art nouveau* da rua Maranhão, 88. Foi lá, ainda, que descobri na biblioteca, folheando uma infinidade de livros, minha vocação, definitiva, a fotografia.

E no segundo, subindo e descendo as rampas desse prédio excepcional do mestre Artigas, continuei meu aprendizado. Fiz mestrado e doutorado, os quais se revelaram fundamentais para minha vida de fotógrafo, e durante 14 anos, dirigindo o LRAV, imagino ter contribuído, dentro dos limites de minha capacidade, para o aperfeiçoamento do ensino da arquitetura.

Além disso, há um dado fundamental: estive sempre, nesses anos todos, acompanhado de professores, alunos e funcionários, que, até os dias de hoje, são meus melhores amigos. Não poderia desejar coisa melhor.

Cristiano Mascaro

Arquiteto, urbanista e fotógrafo.



Fotos: Cristiano Mascaro

A VELHA SENHORA REVISITADA

Tenho de contar uma coisa para vocês.

Agora que estou chegando aos 60 (ainda tô com 58) me dei conta do quanto não sei contar.

Imaginem, a FAU, essa deusa, essa instituição que criou deuses do risco, do rabisco e do concreto armado, tem apenas sessentinha, como eu?

A Bossa Nova, quem diria, cinqüentona?! Injustiça!

Pela importância e preponderância da FAU, acho que eu deveria ter uns 30 anos menos, pelo menos, para estabelecer um parâmetro de comparação dignificante, reverente, indiscutível.

Quando, desde menino, eu torcia o pepino, as pessoas se aproximavam de meu desenho obsessivo compulsivo e exclamavam: “– Desenhando assim, tem de fazer arquitetura!” Ledo engano.

Só depois de cursá-la todinha, percorrer cada um de seus vãos e desvãos, rampas ascendentes e descendentes, dei conta que meu desenho não tinha nada a ver com arquitetura.

Era um desenho louco, maluco, imaginativo, sem nada a ver com a métrica, a mesura e a espacialidade objetiva que o desenho do projeto nos impõe.

Em um momento revelador, uma legítima epifania (o que quer que isso queira dizer), no Salão Caramelo, meu colega Sérgio Vaz se aproxima e, ao ver um desenho que fiz de uma excursão ao litoral norte (e bota norte nisso, a gente perdia o eixo a cada expedição a Ubatuba), exclama:

”– Você é um artista!”

O desenho em questão era uma imagem de minha própria sombra sendo atravessada pelas pegadas na areia de outras pessoas que não eu.

Só então me dei conta que nada adiantaram meus esforços para me camuflar de arquiteto.

Minhas camisas xadrezinhas e paletós de *tweed* com lapiseiras Caran-D’Arche não significavam nada para aquele mundo de significantes pensadores a respeito do ser e estar, do gesto indigesto, das vigas e pilares do conhecimento humanista que a todos norteava às vésperas do neoliberalismo galopante que vinha em nossa direção.

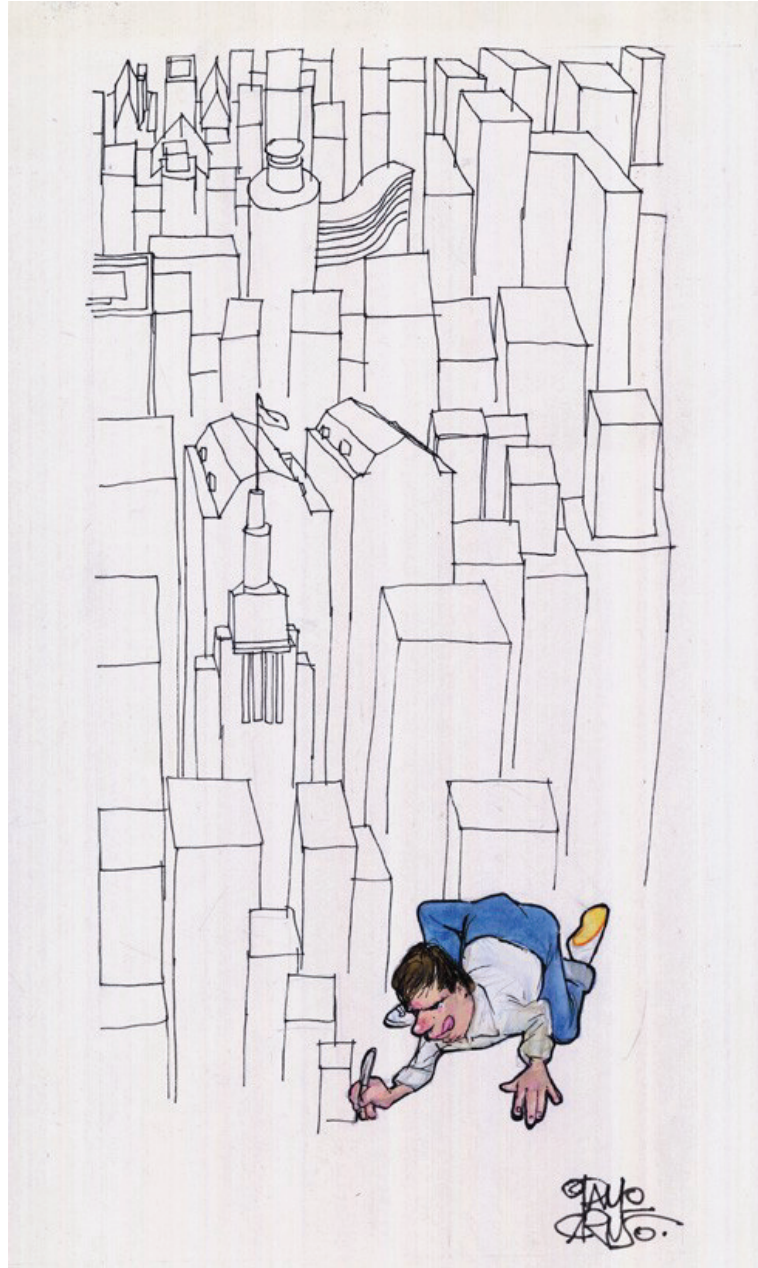
Aliás, é bom que se diga, qualquer que seja nossa direção, precisamos sempre de um ponto de partida, um *start* que nos possibilite a revelação do que somos para nós mesmos, caso contrário nunca chegaríamos a lugar nenhum.

A FAU foi isso para muitos de nós, para o coreógrafo, ator e bailarino Tales Pan Chacon, para o compositor Guilherme Arantes, para o artista plástico Rubens Matuck e para o cartunista Chico Caruso, cuja tese de graduação interdisciplinar era *Por que São Paulo é um lugar ruim de se viver e o Rio de Janeiro, por exemplo, não*.

Se lembrarmos que Tom Jobim namorou a arquitetura, e o moreno dos olhos d’água, Chico Buarque, chegou a cursá-la, convenhamos: nossa sexagenária FAU ainda tem muito a dar...

Paulo Caruso

Arquiteto, urbanista e cartunista.





ODE À FAU
(Paulo & Chico Caruso)

I

Nesta escola de arquiteto
Quem não conhece a glória
Do Epóxi do Concreto
Também não conhece a história
Destas rampas tão repletas de harmonia
Ô Ô Ô
Das colunas que me enchem de alegria
Ô Ô Ô
Pelo domus posso ver a luz do dia
Ô Ô Ô
Ah, mas não é só isso que eu queria

Quando bate as oito horas chega a *gang*,
Ô Ô Ô
Toda ela de corcel ou de Mustang
Ô Ô Ô
Pelo domus posso ver a luz do dia...
(etc.)

II

Desta escola já saíram
Os grandes da profissão
Um famoso fez Osaka
O outro faz habitação
Mas quem ganhou na procura da beleza
Ô Ô Ô
Nos espaços formas puras e leveza
Ô Ô Ô
Foi o tal que liberou a criação
Ô Ô Ô
Atrás da Igreja da Consolação

SAUDOSA FAU VELHA

(música de Adoniram Barbosa, letra de Paulo & Chico Caruso)

Se o sinhô não tá lembrado
Dá licença de conta
Aqui onde agora está
Este edifício arto
Era uma casa velha
O Palacete dos Penteado
Foi aqui seu moço
Que eu, Montezuma & Zanetta
Contruímos a nossa prancheta
Mas um dia, nós nem pode se alembrá
Veio os homi c'oa ditadura
E o dono mandô si mudá

Peguemo tuda nossa coisa
E fumo pro meio do mato apreciá a desolação
Que tristeza que nós sentia
Cada Artigas que caía
Doía no coração
Montezuma quis gritá
Má em cima eu falei
Os homi tá c'ao razão nós arruma ôtro lugá
Só si conformemo, quando o Bolaffi falo
Cans, cans ,cans, cans cancan cu ran cus can
I hoji nói num tem aula, nem tem emprego bão
Má pra esquece nói cantêmo a canção:

Saudosa Fau Velha
Fau Velha querida
Quim din dondi nói passêmo
Os dia feliz da nossa vida...
m



Raul Garcez